

VERIFICAÇÃO DO GRAU DE CONHECIMENTO DA COMUNIDADE EM RELAÇÃO A ESPOROTRICOSE

Giuliane Lopes¹, Gabriele Ferreira¹, Isabela Ferreira¹, Nathali Neutzling¹, Regina Reiniger²

160

1, * - Acadêmica de Medicina Veterinária, Centro Universitário da Região da Campanha – URCAMP,
giulianealveslopes@gmail.com

2, * - Dr^a., Centro Universitário da Região da Campanha - URCAMP

A esporotricose é uma zoonose causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii* que acomete equinos, cães, felinos, bovinos, suínos, camelos, primatas e humanos. Objetivou-se coletar e analisar dados sobre o conhecimento da população em relação à esporotricose através de questionário disponibilizado pelo Google Forms. Obteve-se 96 entrevistados, dos quais, 58,3% nunca haviam ouvido falar nesta patologia, enquanto 41,7% responderam “sim”, porém, a maioria desses indivíduos não tinha conhecimento das formas de contaminação. Com base nos resultados, é evidente o desconhecimento em relação à esta doença e suas formas decontaminação.

Palavras-chave: Zoonose; formas de transmissão; *Sporothrix schenckii*.

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea podendo ser subaguda ou crônica ocasionada por um fungo do complexo *Sporothrix schenckii* (BARROS et al., 2010). Dentro das espécies do complexo *Sporothrix schenckii* possuem como características o dimorfismo sexual e quanto à distribuição na natureza apresentam-se colonizando plantas, árvores e solos junto com restos vegetais localizados principalmente em locais de clima temperado e tropical úmido (LOPES-BEZERRA et al., 2006; BRUM et al., 2007). Em relação às espécies que a esporotricose pode acometer, são diversas, sendo já descrita em equinos, cães, felinos, bovinos, suínos, camelos, primatas e humanos.

A transmissão da doença ocorre por inoculação direta do fungo através da arranhadura e/ou mordedura de animais afetados ou por pequenos traumas durante atividades de lazer ou ocupacionais que tenham ligação com a floricultura, horticultura e jardinagem (NOBRE et al., 2002; SCHUBACH et al., 2006; CAUS, 2013). A infecção principalmente de felinos se dá pelo contato com o solo no ato de escavar e encobrir os dejetos com terra, pelo contato com

vegetais secos ou em decomposição como locais de afiação ungueal de gatos errantes ou por mordedura ou arranhadura do suscetível por um animal infectado. São raros os relatos de transmissão por vias alternativas como a aérea ou digestiva, levando à doença sistêmica (LARSSON, 2011).

O diagnóstico é feito por meio do histórico, sinais clínicos e exames complementares. Os mais utilizados na rotina pela praticidade são o citodiagnóstico e a cultura fúngica. Exames laboratoriais mais complexos também podem ser utilizados como meio de diagnóstico, como histológico técnica de Imuno-histoquímica e Reação em Cadeia da Polimerase (PCR). Esses exames são mais utilizados em pesquisas científicas, pois para a realização desses exige centros de diagnósticos mais sofisticados (COSTA et al., 1981; FARIAS, 2000; RODRIGUES, 2010; CRUZ, 2013).

Este trabalho teve como objetivo coletar e analisar dados sobre o conhecimento da população em relação à esporotricose.

METODOLOGIA

O presente trabalho, foi realizado a partir de um questionário através da plataforma Google Forms, contendo cinco perguntas objetivas em relação ao grau de conhecimento da população sobre a esporotricose. O questionário foi divulgado à população em geral, através das redes sociais, como Facebook e Whatsapp, ficando disponível por um período de sete dias (início de setembro de 2021), em que foram obtidas 96 respostas. As perguntas elaboradas estão descritas nos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cães e gatos têm se tornado uma parte importante de muitas famílias, porém, considerando que estes animais representam um elo de transmissão de zoonoses por sua proximidade ao ser humano, a necessidade de posições para médicos veterinários na Saúde Pública cresce (PIERONI, 2020). Dentre

estas doenças, a esporotricose merece destaque, pois é considerada endêmica na região sul do Rio Grande do Sul, assim como no Rio de Janeiro (CAVALCANTI, 2018).

Referente à pergunta “qual a sua idade?” a maioria dos voluntários que respondeu o questionário possuía idade entre vinte e trinta anos, totalizando 49% das respostas obtidas, enquanto 19,8% possuíam idade superior a cinquenta anos. O restante dos resultados corresponde a: 14,6% entre trinta e quarenta anos, 10,4% entre quarenta e cinquenta anos e apenas 6,3% afirmaram ter idade inferior a vinte anos. Por tanto, a menor faixa etária dos indivíduos que participaram da pesquisa é inferior a vinte anos. Na questão sobre o gênero de cada participante, 71,9% responderam feminino e 28,1% masculino.

Para o questionamento “você já ouviu falar em esporotricose?”, a maioria dos voluntários respondeu “não”, o que corresponde a 58,3%, enquanto aqueles que já ouviram falar corresponde a 41,7% das respostas obtidas. Quando perguntados se sabiam como ocorre a contaminação da doença, a maior parte dos voluntários, 61,5%, respondeu que não, enquanto 38,5% responderam que sim. Para a pergunta “Das opções abaixo, como você acha que ocorre a contaminação?”, 66,7% respondentes selecionaram a opção arranhadura de animais contaminados, sendo esta a mais escolhida, seguida por contato com o solo/terra, farpas e espinhos, saliva, ar e por fim, água (Figura 1).

Em relação ao acesso à informação no estudo Teixeira (2021), os entrevistados ao serem questionados se conheciam a doença esporotricose, 157 responderam que sim e destes a maioria obtiveram informações sobre a doença através de um médico veterinário. Destacando assim a importância do médico veterinário na saúde pública conscientizando a população e disseminando informações. Segundo Gondin e Leite (2020) deve-se trabalhar para esclarecer à população sobre o ciclo biológico do agente, a presença deste fungo no ambiente dar ênfase à guarda responsável de gatos. É

importante também, o esclarecimento para profissionais da saúde, para assim evitar a disseminação de informações incorretas.

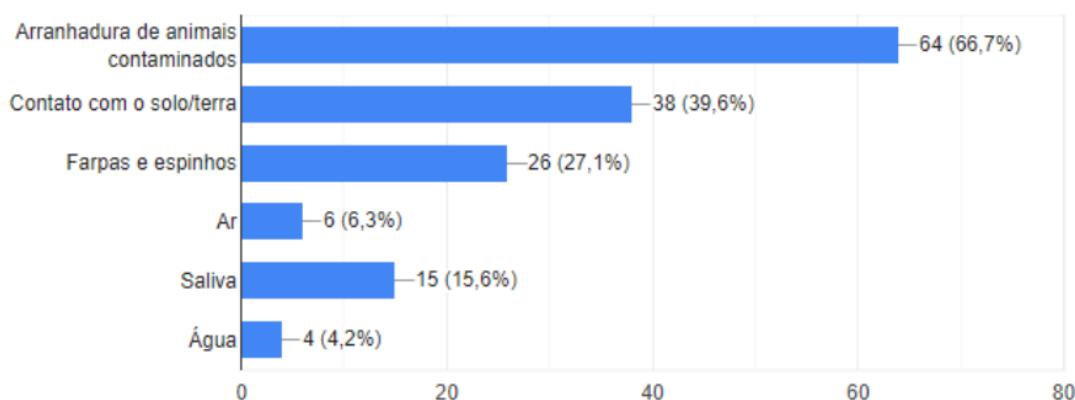


Figura 1. Gráfico – representa as respostas para a pergunta “Das opções abaixo, como você acha que ocorre a contaminação?”

Profissionais e pessoas que atuam com cães e gatos devem prevenir-se utilizando EPI's como roupas de manga longa, jaleco e luvas, ao manipular o animal e coletar matérias de amostras e também esterilizar fômites Silva et al. (2019). Essas medidas podem diminuir o risco de contaminação não apenas dos seres humanos, mas também do ambiente e animais.

CONCLUSÃO

A esporotricose é uma zoonose de relevância, devido à proximidade dos animais de companhia com o homem. Com os dados obtidos através da pesquisa, fica evidente o desconhecimento em relação à esta doença e suas formas de contaminação, portanto, é de suma importância a conscientização da população, através dos Médicos Veterinários e também a elaboração de informativos através das redes sociais e em clínicas veterinárias.

REFERÊNCIAS

BARROS, M.B.L., SCHUBACH, T.P., COLL, J.O. et al. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v.27, n.6, p.455-460, 2010.

BRUM, L.C.; CONCEIÇÃO, L.G.; RIBEIRO, V.M. et al. Principais dermatoses zoonóticas de cães e gatos. **Clínica Veterinária**, v.69, p.29-46, 2007.

CAUS, A.L.O. 2013. **Esporotricose no estado do espírito santo: um estudo de três décadas**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_6764_Dissertac%26%23807%3Ba%26%23771%3Bo%20Mestrado%20Antonio%20Caus.pdf

CAVALCANTI, E. A. N. L. D.; IGNÁCIO, T. C.; KUNRATH, S. E.; MEINERZ, A. R. M.; FARIAS, R. O.; OSÓRIO, L. G. et al. Esporotricose: Revisão. **PUBVET**, v.12, n.11, p.1-5, 2018. DOI:10.31533/pubvet.v12n11a215.1-5

COSTA, E.O., VISINTIN, L.C., SCHMIDT, A.M. et al. Esporotricose-infecção em equinos. Utilização do teste de hipersensibilidade do tipo tardio. **Revista da Faculdade de Medicina Veterinária de Zootecnia da Universidade de São Paulo**, v. 18, n.1, p.23-28, 1981. <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-3659.v18i1p23-28>>

CRUZ, C. E. Complexo *Sporothrix schenckii* Revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. **Revista da Faculdade de Medicina Veterinária de Zootecnia da Universidade de São Paulo**, 20:8-28, 2013, (Edição comemorativa).

FARIAS, M.R. **Avaliação clínica, citopatológica e histopatológica seriada da esporotricose em gatos (*Felis catus* Linnaeus, 1758) infectados**. 200. 100 f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, SP.

GONDIM, A.L.C.L.; LEITE, A.K.A. Aspectos gerais da esporotricose em pequenos animais e sua importância como zoonose. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 10, n.2, p. 37-44, 2020.

LARSSON, C.E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v.48, n.3, p.250-259, 2011. <<http://dx.doi.org/10.11606/S1413-95962011000300010>>

LOPES-BEZERRA, L.M.; SCHUBACH, A.; COSTA, R.O. *Sporothrix schenckii* and Sporotrichosis. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v.78, n.2, p.293-308, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S0001-37652006000200009>

NOBRE, M.O.; MEIRELES, M.C.; CAETANO, D.T. et al. Esporotricose zoonótica na região sul do Rio Grande do Sul: revisão da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, v.9, n.1, p.36-44, 2002.

PIERONI et al. Importância do conhecimento da população sobre 3 zoonoses (Leishmaniose, esporotricose e toxoplasmose). **Investigação científica e Técnica em Medicina Veterinária**. – Ponta Grossa, PR: Atena, p. 111-125, 2020.

RODRIGUES, A. M. **Taxonomia polifásica e características proteômicas do complexo *Sporothrix schenckii***. 2010. 240 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo.

SILVA, E.A.; BERNARDI, F.; MENDES, M.C.N.C.; FERREIRA, A.A.M.B.; MONTENEGRO, H. Esporotricose: situação na cidade de São Paulo e a importância do clínico veterinário na vigilância dessa zoonose. **Boletim APAMVET**, São Paulo, v.10, n.1, p.11-14, 2019.

SCHUBACH, T.M.; SHUBACH, A.; OKAMOTO, T. et al. Canine sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil: clinical presentation, Laboratory diagnosis and therapeutic response in 44 cases (1998-2003). **Medical Mycology**, v.44, n.1, p.87-92, 2006. <<http://dx.doi.org/10.1080/13693780500148186>>

TEIXEIRA, J. C. Esporotricose: Zoonose Negligenciada. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.8, p.81974-81968, 2021. <DOI:10.34117/bjdv7n8-417> Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/34639/pdf>. Acesso em: 11 set 2021.